

TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS NOS ÂMBITOS HISPANOS E LUSÓFONOS DO SÉCULO XXI:

História de algumas semelhanças e
diferenças entre os planos de estudo
de Brasil, Espanha e Portugal

Copyright © 2008
SBP_{Jor} / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

XOSÉ LÓPEZ GARCÍA
USC, SPAIN

RESUMO

A experiência colhida durante as últimas décadas pelos estudos de Comunicação nas universidades anglo-saxônicas, hispânicas e lusófonas teve três consequências claras: uma progressiva incorporação destes estudos na maioria dos centros de ensino superior dos principais países do mundo, com diferentes programas e por vias muito distintas; um incremento das investigações sobre o setor e um crescente interesse em adaptar a formação aos novos perfis, que foram surgindo nos diferentes suportes. O papel central da comunicação, na sociedade do séc. XXI, abriu caminho a um conjunto de títulos nos quais o jornalismo continua a ocupar uma posição de destaque. Foi dessa forma que chegamos a um panorama com uma boa oferta acadêmica e com muitos mais jornalistas com título universitário. No terceiro milênio, a cada dia que passa, aumenta o número de informadores que possuem formação universitária. Os dados indicam que houve um aumento no nível de formação dos jornalistas, que necessitam de cada vez mais conhecimentos atuais para trabalhar na complexa sociedade atual, e que há um panorama favorável à formação contínua, um desafio para todos os comunicadores da era digital. Os esforços realizados nesses últimos dez anos no Brasil, na Espanha e em Portugal neste campo mostram algumas diferenças, várias coincidências e um objetivo compartilhado: iniciativas para melhorar os planos formativos com projetos de maior qualidade.

Palavras-chave: tendências, planos de formação, jornalistas, universidades espanholas e lusófonas.

INTRODUÇÃO

A formação dos jornalistas do século XXI é uma questão que compete, sobretudo, às universidades. À margem do caminho escolhido existe, no hipersetor da Comunicação e em importantes setores sociais, uma consciência bastante generalizada de que os profissionais de informação

necessitam de, pelo menos, um diploma de graduação ou o equivalente para exercer a profissão. Durante os últimos anos deram-se passos nessa direção, com um impulso moral importante no âmbito europeu quando, em 1993, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa aprovou o Código Deontológico dos Jornalistas, cujo artigo 31 refere o seguinte: “Dada a complexidade do processo informativo, baseado cada vez mais na utilização das novas tecnologias, rapidez e síntese, deve exigir-se aos jornalistas uma formação profissional adequada”.

Uma rápida radiografia ao panorama atual indica-nos que a formação em Jornalismo está presente nas universidades dos Estados Unidos, na América Latina e na União Europeia, por abarcar três campos importantes das sociedades contemporâneas¹. Nas últimas décadas as Ciências da Comunicação conquistaram um espaço no campo das Ciências Sociais e mostraram boa forma na hora de enfrentar alguns dos principais desafios que surgiram com a Internet. De acordo com os países e as tradições, coexistem três tendências², uma que caminha de mãos dadas com a Sociologia da Comunicação, a Comunicação Política, a Semiótica e a Teoria da comunicação - predominante em muitas universidades europeias;- uma segunda, mais prática, inspirada no modelo de muitos dos centros norte-americanos e com maior carga fornecida, tendo em vista a atividade profissional, e uma terceira que procura um equilíbrio entre as duas - em vários centros espanhóis, criados em final dos anos oitenta, início dos anos noventa, do século XX, como a Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela.

O debate sobre o modelo a seguir tem estado presente, em todos os centros, nas últimas atualizações dos planos de estudo, nos quais se incorporaram matérias relativas ao jornalismo na Internet e algumas das últimas tendências registradas no setor, relacionadas sobretudo com as habilidades e competências multimídia³. Hoje, nos últimos anos da primeira década do terceiro milênio, estas discussões sobre os modelos e a presença das tecnologias atuais reacenderam-se nos países da União Europeia face ao objetivo, delineado pelas universidades, de adaptar o seu ensino ao modelo de Bolonha⁴. Desde há cinco anos, nos principais países da União Europeia debate-se, com mais ou menos intensidade, acerca deste novo projeto que procura a unificação de alguns aspectos dos diferentes países.

Enquanto isto ocorre na União Europeia, os norte-americanos prosseguem com o seu modelo profissional, com graduações curtas, que incorpora novas especialidades e reforça estratégias de investigação em alguns campos, e os latino-americanos atualizam os seus planos

e refletem sobre o seu modelo. Alguns países, como o Brasil, têm já o projeto para, ao mesmo tempo que prossegue com o sistema atual, experimentar um modelo que inclui uma fase de graduação, de três anos, e uma fase de especialização de dois anos. Há, então, debates que refletem preocupações comuns, de distintos âmbitos geográficos, para perfilar modelos mais eficientes na formação dos jornalistas e que permitem registrar um eco dos três modelos a que temos feito referência.

Revisão em fase de mudanças

O processo de aprovação dos planos de estudo de Comunicação nas universidades europeias surge num momento de grandes alterações no setor, com a aparição de novos compromissos profissionais e sistemas de produção de conteúdos renovados. No caso dos jornalistas, as importantes mudanças que surgiram no hipersetor da Comunicação, nos últimos vinte anos, não só obrigaram os jornalistas a “atualizarem-se” para trabalhar com as ferramentas da geração atual, como definiram renovados perfis profissionais. O nascimento de novos meios, com a Internet como paradigma da comunicação “total”, provocou a necessidade de experimentar linguagens, formatos... Os jornalistas, sobretudo aqueles que optaram pela formação contínua para a aquisição dos conhecimentos precisos para o seu trabalho, na denominada Sociedade da Informação e Conhecimento, tiveram que se aprofundar na digitalização, nos segredos da programação informática, na interatividade, nas chaves da multimídia... Foi assim que um número importante de jornalistas conquistou posições num terreno reservado inicialmente aos técnicos. A sua aposta marcou o início de um caminho que tem na formação com novos perfis, que irão integrar as faculdades de Ciências da Comunicação, e na educação contínua os seus dois principais instrumentos para superar com êxito os desafios futuros.

Depois das mudanças feitas nos planos de estudo ao longo dos últimos anos, abre-se, como indicamos, uma nova etapa de atualização dos programas no seio da União Europeia. As faculdades de Ciências da Comunicação do estado espanhol, na sua maioria com os planos em fase de redação e aprovação, tentam ganhar o novo desafio com uma oferta de qualidade que tenha em conta os novos perfis profissionais e as necessidades do mercado, sem perder de vista o objetivo da universidade: formar profissionais que saibam pensar, que conheçam e entendam o funcionamento da sociedade, que saibam investigar e que tenham preparação para trabalhar na sociedade em que vivem.

Olhar o passado desde a Europa

A experiência da formação de jornalistas, durante os últimos vinte e cinco anos, nas distintas áreas geográficas e culturais deve dar-nos dados para o novo modelo que exigem todos os setores da Comunicação para o século XXI. Como disse, trata-se de um conjunto de projetos pouco homogêneos, pelo menos no que diz respeito à Europa, já que cada país formou os seus jornalistas de maneira diferente. Apesar de criado um novo marco supranacional, a União Europeia, ainda não foram dados passos para estudar aspectos gerais de um plano comum para a formação dos futuros comunicadores. O certo é que a comunicação desperta cada vez mais interesse e as universidades reforçaram a sua atenção nesta matéria, com a criação de faculdades ou com departamentos para explicar, em áreas distintas das Ciências Sociais, o papel da comunicação na nova era.

Ninguém, ou quase ninguém, duvida que as transformações sociais e tecnológicas do último quarto de século criaram um marco favorável para converter muitos ofícios em profissões especializadas, muitas das quais tiveram um eco na universidade, necessitada de abrir-se à sociedade e estar mais em contato com as tendências da sociedade civil. Foi isto o que ocorreu, pelo menos, na Espanha, que na década de 1970 levou o Jornalismo, até esse momento em escolas de ciclo médio e em diplomaturas de 3 anos, à universidade.

No entanto, a preocupação pela formação dos jornalistas nasceu muito antes da criação das escolas citadas. O caso espanhol é um bom exemplo. Foi o jornalista e professor Fernando Araujo quem, em 1887, abriu em Salamanca um curso privado de Jornalismo. Foi, por isso, um pioneiro no seu tempo, já que na Europa só na Alemanha, em 1690, Tobias Peucer elaborou uma tese e organizou várias conferências sobre a formação do jornalista. Este pioneiro da investigação académica sobre o Jornalismo não teve muitos seguidores e não se generalizou o interesse da academia pela Comunicação e pela formação dos futuros jornalistas. Apesar destas iniciativas, na Espanha não houve escola de jornalismo até 1926. Nasceu da mão do diário católico *El Debate*, de Madri, que promoveu cursos intensivos por intermédio do presbítero galego Manuel Graña, formado nos Estados Unidos em questões jornalísticas. A partir desse momento a formação dos jornalistas encontrou um novo caminho.

Nenhum país mostrou grande interesse em levar os temas do jornalismo à universidade. A preocupação existente na Europa - especialmente na Alemanha - pelo papel do jornalista no século XVII

não forjou um projeto para levar o ensino do Jornalismo à universidade. Tampouco houve essa preocupação noutros países europeus. Foi antes nos Estados Unidos que nasceu este interesse, em finais do século XIX, desaguando no século XX com a criação de uma grande rede de universidades com estudos de Comunicação. O decorrer dos anos mostrou que foram os norte-americanos os que mais esforço fizeram para levar o ensino do jornalismo à universidade.

Na Europa, durante o século XX, pouco a pouco foram aparecendo faculdades ou departamentos de Comunicação, não se sabe muito bem se para seguir o modelo americano ou como parte de um movimento próprio. O certo é que ainda hoje há uma grande diversidade de variantes dos três modelos básicos e que uma revisão pelos distintos países mostra um mosaico singular.

A contribuição latino-americana

A análise da evolução dos estudos na América Latina é vital para entender, a partir da Europa, outras contribuições a partir das suas próprias experiências, à margem dos modelos em que se inspiraram ou trataram de estabelecer com selo próprio. Neste sentido, há que ver a Argentina como ponto de partida, visto ter sido nesse país que, em princípios do século XX, se fundaram as duas primeiras escolas de Jornalismo e onde, no ano de 1940, a Universidade Nacional de La Plata integrou os estudos para criar a Escola de Jornalismo. E, da mesma forma, temos que centrar o foco no Brasil, já que os brasileiros estabeleceram preparação formal para jornalistas ao mesmo tempo que os argentinos. Assim, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Rio de Janeiro, durante um curto espaço de tempo, lecionaram-se cursos de Jornalismo, até que, em 1939, esta faculdade foi abolida. Posteriormente, em 1943, a Universidade do Brasil, situada no Rio de Janeiro, oferecia cursos de Jornalismo. Foi em 1947 que, neste país, através da Fundação Cásper Líbero, se estabeleceu o primeiro curso formal de graduação em Jornalismo, ao qual se seguiu em 1948 o da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil - hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro -, como explica Eduardo Meditsch em vários trabalhos sobre o estudo de Jornalismo no Brasil.

Do início da década de 40 do século passado datam também outras escolas. É o caso de Cuba, que criou a sua escola em 1942; do México, em 1943; do Equador e do Peru, em 1945; Venezuela em 1947; Colômbia em 1949; Guatemala em 1952; Chile e República Dominicana em 1953; El Salvador em 1954; Nicarágua em 1960; Panamá em 1961; Paraguai em 1965, e Bolívia e Costa Rica, em 1986⁵. Há, então, uma preocupação

precoce por essas questões da formação de comunicadores, que faz com que hoje disponham de experiências de um período de tempo que, em muitos países, data de há cinquenta ou mais anos e que obrigou a constantes reflexões para enfrentar os novos desafios.

Outro dado que convém recordar é o crescimento espetacular dos estudos de Comunicação na América Latina nos últimos vinte anos. Os dados da Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social, a entidade de caráter não-governamental que agrupa grande parte delas, são reveladores: mais de duzentas faculdades de vinte e três países fazem parte da entidade⁶. Há que adicionar a estas as dezenas de faculdades que não integram a FELAFACS, organização criada em 1981 com o propósito de contribuir para o desenvolvimento do ensino e prática profissional da Comunicação nas suas diversas áreas e reconhecida pela UNESCO desde 1987.

Da revisão que vários autores fizeram sobre a evolução destes planos nos últimos anos, denota-se uma incidência das escolas semelhante à que indiquei para a Espanha - duas básicas e uma terceira emergente e em fase de consolidação -, com modelos com atenção distinta aos conteúdos teóricos e à prática profissional. Para explicar essa posição, seguirei para o caso latino-americano a diferenciação de três modelos indicada pelo professor e jornalista chileno Héctor Vera e aplicada no caso do Peru pelo também professor e jornalista Juan Gargurevich, que estabelece a diferença entre planos culturais, profissionais e comunicacionais. O modelo humanista ou culturalista considera que o melhor comunicador é o mais culto, pelo que incide nos cursos de Ciências Sociais e Humanas; por seu lado, o modelo prático profissional dá ênfase aos aspectos práticos, em sintonia com as recomendações da Sociedade Interamericana de Prensa, enquanto o modelo comunicacional entende o Jornalismo como uma das variantes da Comunicação, com a intenção de formar profissionais preparados nos seus diferentes aspectos e fixar esforços numa determinada especialização⁷.

Há muitos outros dados da origem e consolidação dos estudos de Comunicação na universidade, com atenção à formação dos jornalistas, que mostram algumas preocupações comuns e debates acerca de modelos. Não irei prolongar-me em dados, pois penso que seja suficiente para justificar o ponto de partida desta análise comparada. De fato, essas pinçeladas aqui expostas sobre o passado da Europa, com referências à Espanha e Alemanha, e sobre os começos na América Latina - tanto na área lusófona como na hispânica -, com dados de contexto do momento do nascimento, ajudam-nos a debater o momento atual, no qual é muito

necessário analisar todos os passos dados, os erros cometidos e procurar saídas para a situação presente. É também momento de olhar o futuro, analisar os novos desafios, as implicações da sociedade “em rede” para a comunicação mediada tecnologicamente, a convivência dos meios com as redes horizontais de comunicação e os novos desafios que os jornalistas deverão enfrentar.

Algumas experiências de referência em jornalismo digital

Podemos ver o futuro, sobretudo, com a análise de algumas contribuições interessantes de centros latino-americanos e europeus. Alguns centros, para além das avaliações dos seus títulos, fizeram análises através de grupos de investigação, com a consequente publicação de artigos científicos, que nos permite dispor de diversos pontos de vista para aprender com as situações passadas. Nos textos que pude rever⁸, há uma coincidência na preocupação do desenvolver daquilo que está estabelecido nos planos de estudo, nos controlos de qualidade da docência e da investigação, na incorporação de novas matérias que respondam às características do mapa midiático atual e da complexidade da Sociedade da Informação e do Conhecimento, na relação com a indústria sem manter nenhuma dependência desta, nos itinerários ou cursos de especialização temática e por suportes e na participação em redes internacionais para trocar experiências.

Os resultados dos primeiros passos da formação em Jornalismo Digital estão presentes na maioria das reflexões de académicos espanhóis e latino-americanos.

Convém recordar que no ano 2000, o professor Ramón Salaverría expôs publicamente⁹ os seus critérios para a formação dos jornalistas na Internet. Naquele momento, o professor da Universidade de Navarra assegurou que era necessário que os planos de formação se encaminhassem em garantir a preparação de jornalistas que entendessem as tecnologias digitais como ferramentas conaturais a qualquer atividade jornalística. A sua voz juntaram-se as de Javier Díaz Noci¹⁰, em vários livros e jornadas, ou de representantes da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela, entre outras.

Algumas vozes latino-americanas chamaram também a atenção, desde o primeiro momento, sobre a formação dos jornalista para a era digital. Neste sentido, sem dúvida, uma das principais contribuições, além da investigação e reflexão, foi formulada por Elias Machado e Marcos Palacios¹¹, que defenderam com dados, desde inícios da nova década, que o ensino do jornalismo em rede é uma necessidade para

lá da consolidação desta forma de fazer jornalismo. Apostaram na defesa de metodologias específicas e na vinculação da investigação e ensino. Para eles, a base tecnológica que está por trás do jornalismo em rede dá relevo à vocação para a investigação aplicada e a investigação tecnológica, quase inexistente até então.

Estes postulados sobre a necessidade de revitalizar e, de alguma forma, reinventar o ensino do Jornalismo são bastante coincidentes com os defendidos por Marcial Murciano¹², na Espanha, Marques de Melo¹³, no Brasil, ou Jorge Pedro Sousa, em Portugal¹⁴, para citar alguns dos autores que mais textos escreveram sobre estas questões.

Desafios para a nova era

A informatização das redações e a incorporação da tecnologia digital manifestaram o início de uma nova era para os *Media*. Agora, com a convergência das telecomunicações, a informática e os conteúdos, já ninguém duvida que nos encontramos diante de um novo cenário no qual os velhos paradigmas se mostram ineficazes e os cidadãos parecem dispostos a exigir mais dos mediadores sociais. Desde o começo, os estudos de Comunicação experimentaram mudanças importantes nos planos de estudo que mostram a tensão entre a procura da crescente sustentação no plano científico, a autonomia disciplinar, a especificidade profissional e a contextualização nos processos socioculturais e histórico-políticos¹⁵. Agora, no terceiro milênio, mantendo este planeamento geral, diversos centros preocupados com a qualidade coincidem na hora de indicar que é necessário dar um salto em frente para enfrentar os desafios da era digital.

Como primeira resposta aos novos desafios, já expliquei que as faculdades de Comunicação tiveram, nas duas últimas décadas, que atualizar os seus planos e fizeram-no de acordo com as exigências do mercado e com as exigências de uma boa formação para vencer os desafios atuais e futuros. Muitos dos trabalhos de mudanças dos planos de estudo basearam-se em critérios de eficácia, de sintonia com o que se passa no hipersetor da Comunicação e de fazer frente aos desafios das Ciências da Comunicação no panorama científico atual. Foi assim em Portugal, Espanha e Brasil, ainda que em cada caso se tenham mantido singularidades de acordo com a tradição existente em cada país¹⁶.

De fato, a maioria dos centros de formação de comunicadores de Portugal, Espanha e Brasil fez esforços para manter uma aproximação com a realidade do setor e poder dar resposta às novas necessidades de formação dos alunos. O resultado foi a manutenção de disciplinas

de outras áreas científicas - sociologia, filologia, história, economia... - se bem que foi reforçada a presença de conteúdos específicos da Comunicação, tanto teóricos como práticos. Foi um caminho aberto com muitos resultados bons, a julgar pela avaliação dos distintos atores sociais e pelas informações emitidas pelos especialistas externos a quem coube avaliar as graduações nos últimos anos.

Esta fase de incorporação de matérias relacionadas com a Internet e os novos Media, bem como uma revisão das relações com os meios de comunicação e com setores ativos da sociedade civil, é uma constante, com maior ou menor intensidade, nas áreas lusófonas - sobretudo no Brasil e Portugal - e hispânicas - Argentina, Colômbia, Espanha, México e Venezuela. Há diferenças importantes em cada país, que não constituem o objeto prioritário desta análise¹⁷, mas as autoridades educacionais compartilham em todos os casos, pelo menos formalmente, uma preocupação em conhecer resultados acerca dos diferentes modelos para tentar avançar com propostas que garantissem o caminho para a excelência acadêmica, objetivo irrenunciável para uma universidade atual e empreendedora.

Agora, superada a base de situar as Ciências da Comunicação no seu lugar na universidade e reforçadas as armações dos principais modelos dos planos de estudo, muitos centros dos países citados - especialmente os espanhóis - sugerem que talvez seja hora de incrementar o debate em áreas distintas da sociedade, alheias à Comunicação, sobre a necessária atualização dos planos de estudo a todas as áreas do mundo da comunicação e do mundo acadêmico, postura defendida pela Conferência de Decanos das Faculdades de Comunicação de Espanha.

Deste debate deverão sair as linhas gerais do programa de inovação na formação que deve contemplar tanto os futuros licenciados como os que já trabalham no hipersetor. E, para estes últimos anos, é necessário responder às suas necessidades e, então, elaborar propostas de formação contínua.

Para os defensores desta teoria, a maioria responsáveis de faculdades das universidades espanholas, se formos capazes de nos aproximar do que se passa no hipersetor da Comunicação e das tendências dos novos perfis profissionais, saberemos elaborar um programa inovador para formar os novos jornalistas que serão necessários na nova era que já começa. Estes novos jornalistas precisarão de uma boa formação geral para entender o que se passa na sociedade e como esta funciona, bem como uma boa formação especializada para trabalhar com as ferramentas atuais.

A resposta na Espanha e em Portugal

A renovação dos planos de estudo nas universidades de Espanha e Portugal que integram estudos de Jornalismo está marcada, nesta primeira década do novo milênio, pelos planos postos em marcha em ambos os países para a adaptação do modelo universitário ao sistema europeu de ensino superior. Desde inícios do século, nos dois países, houve debates acerca das suposições do novo modelo e acerca das variantes que nele podiam ser introduzidas. Não obstante, os ritmos não foram coincidentes e, por fim, alguns centros portugueses agilizaram a implantação dos novos planos e começaram a aplicá-los, com três anos de formação para obter o título de licenciado - 180 créditos -, enquanto que a Espanha, com maior lentidão, está agora mesmo a sancionar os planos, que atribuem títulos de graduação de quatro anos - 240 créditos -, que irão começar a ser integrados no próximo curso.

Nos debates em Portugal houve a tendência para manter as especificidades do Jornalismo, como título de grau acadêmico, e a defender os planos de estudos que combinem teoria e prática. Alguns centros, como a particular Fernando Pessoa, estabeleceram logo o modelo e começaram o caminho. Foi o início de uma nova etapa na qual, a partir de experiências acumuladas nos últimos anos, com centros muito competitivos - caso das universidades de Braga, Coimbra, Lisboa, Beira Interior ou Aveiro, para referir algumas das públicas - e com a firme vontade de fazer frente aos desafios atuais.

Deve dizer-se que nas matérias dos novos programas irão incluir-se os conteúdos transversais, das mudanças que ocorreram no hipersetor, e irão ser incorporadas novas matérias para encontrar a maior sintonia possível com o setor, especialmente nos campos da investigação em que avançaram nos últimos anos.

Uma linha semelhante é seguida na Espanha, onde a Conferência de Decanos das Faculdades elaborou, como já dissemos, um documento-base a partir do qual cada universidade começou a tentar tornar realidade os objetivos do denominado modelo europeu.

Alguns centros que já aprovaram os seus planos de estudo antes do mês de Junho de 2008, como é o caso da Universidade Carlos III, defendem também uma convivência harmoniosa entre conteúdos teóricos e práticos, com mecanismos de inter-relação entre ambos, com o estabelecimento de laboratórios práticos e com propostas de investigação muito relacionadas com os planos de estudos. É, então, uma continuidade dos passos dados nos últimos anos, com tendência a

consolidar essa terceira via de que já falamos, com um equilíbrio entre a parte teórica e prática, mas sem se deixar levar pelos interesses das principais empresas do setor.

No início de 2008, há que dizer que em alguns dos países da União Europeia - como Espanha - ainda começavam a reforma curricular de acordo com o processo de Bolonha, enquanto outros - como França, Itália e Portugal - há anos que o implantaram, ainda que nesta primeira década do terceiro milênio. Ainda que hoje, nos países europeus, a implantação avance em ritmos distintos - alguns do nosso enredo ibérico, como Itália e França, madrugaram - e os países não estejam de acordo, no que diz respeito a graduações de três ou quatro anos - cada um tem que cumprir o mínimo de créditos, fixado entre 180 e 240 (19), podendo escolher o número de anos -, tudo parece indicar que estamos numa etapa em que se abrem muitas perspectivas, tornando mais fácil a homologação entre os planos dos países da União Europeia e possibilitando que sejam feitos planos de colaboração, para avançar em projetos conjuntos no campo do ensino superior. Deve-se dizer, sem sombra de dúvida, que a partir de agora os quatro países mais importantes e com maior influência na União Europeia - Alemanha, França, Grã-Bretanha e Itália, os que assinaram a declaração de Sorbona, antecedente de Bolonha, como foi explicado -, com sistemas universitários muito distintos, irão dispor de um modelo que os unificará em alguns aspectos básicos.

Enquanto nos estudos de Comunicação é dada uma maior atenção aos programas, ainda que muitos dos planos tenham um projeto iminentemente teórico e outros um projeto mais ligado à prática, de acordo com a tradição de cada universidade e a influência de cada departamento, em conjunto podemos deduzir que, à margem de importantes referências que subsistem entre muitos planos, há um resultado inicial: a aposta na formação do Jornalismo na universidade está consolidada nestes planos e há um número importante de universidades, especialmente em Espanha e Portugal, que trabalham para melhorar a oferta da formação dos jornalistas com preparação teórica e prática, com licenciados que sabem e sabem fazer - que têm habilidades e competências na área do Jornalismo.

A resposta do Brasil

O papel do Brasil no campo da Comunicação do século XXI mostra-se especialmente relevante não só pela quantidade de universidades que integram estes estudos, mas também pela qualidade das investigações realizadas nos últimos anos por alguns dos seus professores mais

qualificados. Os dados indicam que, no fim de 2007, no Brasil, havia mais de seiscentos cursos de Comunicação, grande parte com habilitações em Jornalismo, com trinta programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) na área da Comunicação¹⁸. E, neste quadro, os estudos de Jornalismo caminham para uma maior especialização, com ofertas de mestrado e doutoramentos em jornalismo aprovados pela CAPES, o órgão do Ministério da Educação que avalia a pós-graduação.

De fato, em agosto de 2007, começou na Universidade Federal de Santa Catarina aquele que foi anunciado como o primeiro curso de mestrado específico em Jornalismo no Brasil, coordenado pelo professor Eduardo Meditsch. Deu-se assim continuação à linha de mestrado e doutoramento iniciada nos anos oitenta pela Universidade de São Paulo sob a direção do professor José Marques de Melo, com uma linha de investigação chamada “Jornalismo e Sociedade”, que existe na Universidade de Brasília.

Foi assim que no Brasil, depois de diversas fases e sucessivos debates, recuperaram-se nos últimos anos as linhas de vinculação ao cenário profissional, com o compromisso de que todas as universidades com estudos de Comunicação disponham de laboratórios para integrar as aulas práticas. Essa mudança importante deu-se com o currículo mínimo de 1984, que aumentou a duração dos cursos de três para quatro anos e estabeleceu um mínimo de 2.700 horas/aula para a sua conclusão¹⁹.

Desde os anos 1990, no Brasil, constatava-se uma importância crescente dos estudos de Comunicação e uma maior preocupação pela qualidade do ensino, assim como uma tendência para incrementar os programas de pós-graduação e de Jornalismo nesses programas, enquanto nas universidades a matéria “Teorias do Jornalismo”²⁰ reclamava cada vez mais importância. Era o caminho até a situação atual, quando a partir de várias universidades já se trabalha com mais intensidade no campo do jornalismo e se procuram vias para a formação específica, sempre dentro do enquadramento que a normativa brasileira permite para os estudos superiores. Estas campanhas pela formação específica foram uma constante nos últimos tempos a partir da Federação Nacional dos Jornalistas e a partir da boca de vários responsáveis de organizações profissionais, que defenderam a formação superior específica em Jornalismo como condição necessária para a qualidade da profissão²¹.

As vias de colaboração que se abrem

Perspectivando o panorama, dos últimos anos, que descrevemos do Brasil, Espanha e Portugal, há algumas coincidências e importantes

diferenças, tanto na evolução como na situação que atravessam atualmente. Nos três países há uma larga tradição dos estudos de Comunicação na universidade - sempre mais de duas décadas -, com atenção na formação dos jornalistas, com programas mais ou menos específicos, e com importantes contributos do campo da investigação científica, com estudos sobre o sistema de meios, o discurso dos Media em cada país, os debates jornalísticos ou o impacto da recepção das mensagens difundidas nos usuários, entre outras questões. Encontramos, então, uma base sólida para enfrentar desafios com conhecimento de causa e com experiências muito diversas colhidas estes anos.

Esta boa fase para a colaboração não deve impedir-nos de advertir sobre as importantes diferenças, tanto entre Espanha e Portugal - ainda que os dois adotem o modelo de Bolonha, Espanha comece a integrar títulos de graduação de quatro anos e Portugal a integrar graduações de três -, como Brasil, onde predominam os estudos de Comunicação, com especialização em Jornalismo, e onde aparecem agora programas de pós-graduação em Jornalismo²². No Brasil, os estudantes de Jornalismo mantêm, ao longo da sua etapa acadêmica, um contato constante com disciplinas específicas de Jornalismo, enquanto noutros países sul-americanos, como a Argentina, o aluno realiza 3 anos de estudos de comunicação e procede, então, à especialização em Jornalismo num último ano. É a recuperação de uma via que incrementa as vias de aproximação aos modelos espanhol e português, embora mantenha as especificações do modelo brasileiro, que mostrou qualidades tanto no campo formativo - a quantidade e qualidade de universidades federais - e a capacidade de produção de investigação científica em Comunicação e, mais concretamente, em Jornalismo.

A melhor colaboração passa, então, por estreitar as vias de diálogo para conhecer melhor os modelos que se aplicam no Brasil, na Espanha e em Portugal, especialmente naqueles centros que avaliam as suas graduações, se submetem a controles externos nacionais e internacionais e alcançam o grau de excelência. Não há dúvida que existem contribuições de ambos os lados do “charco” para os processos de atualização que se avizinham, já que os planos de estudo contam com um esqueleto básico, algumas matérias fundamentais e obrigatórias que dificilmente mudarão, e com umas matérias optativas que precisarão de mudanças constantes, de acordo com as tendências e inovações que produzam. Para além da atualização de conteúdos transversais nas matérias fundamentais e obrigatórias que dificilmente mudarão, os novos perfis profissionais e as renovadas vias de especialização - tanto temática como

de produtos e ferramentas aplicadas ao campo jornalístico - obrigarão a esta constante atualização, assumida pelos planejadores²³ dos três países. No caso do Brasil, as universidades - tanto as federais como as estaduais, municipais e privadas - contam com bastante autonomia para essas mudanças pontuais de matérias nos programas - só precisam da aprovação dos departamentos de cada universidade federal -, enquanto que em Portugal e Espanha dependerá também dos ritmos impostos pelas universidades, em função dos resultados que consigam e das avaliações a que se submetem.

O modelo brasileiro, que descansa agora em estudos de graduação - quatro anos -, de mestrado - dois anos - e de doutoramento - três a quatro anos -, tem oferecido resultados sólidos. Não obstante, agora, a partir de iniciativas das autoridades federais em matéria de educação, irá ser complementada uma nova opção, que de forma experimental e em paralelo, começará a ser implantada para testar outras fórmulas. Trata-se de uma graduação interdisciplinar, no qual o aluno poderá escolher entre um leque grande de matérias, com a duração de três anos, semelhante ao grau de bacharelado. Posteriormente, o aluno poderá realizar um curso de especialização, com um perfil focado no mercado profissional e com uma preparação muito prática, ou um mestrado, menos orientada para a atividade profissional e com uma abertura maior para o mundo do doutoramento e da investigação.

Este modelo, muito aberto e sem uma orientação clara para uma formação sólida dos jornalistas, já que permitirá, previsivelmente, que o aluno escolha matérias diversas e sem a existência prévia de itinerários coerentes - os quais pelo menos até junho de 2008 não estavam estabelecidos - é uma incógnita, pelo que não podemos formular comparações com os modelos vigentes em Portugal e Espanha, podendo apenas indicar a sua existência futura. É, aliás, uma proposta que suscita muitos receios e recusas, sobretudo pela perda de especificidade que irão sofrer os estudos de Comunicação, o que, de alguma forma, supõe um retrocesso sobre as conquistas realizadas nos últimos trinta anos, ao mesmo tempo que é vista como uma ameaça para a qualidade da informação profissional em Jornalismo²⁴. Faz, portanto, parte do processo de reflexão e debate sobre os estudos de Jornalismo no Brasil, com uma liberalização no campo da educação, desde a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que surpreendeu as entidades na área do Jornalismo - organizações de investigadores, jornalistas e professores²⁵.

Em jeito de conclusão

A importância dos estudos de Comunicação no Brasil, na Espanha e em Portugal é cada vez maior. Nos últimos anos, nos três países, tanto o número de licenciaturas como os alunos matriculados e a produção científica nesta área verificaram um crescimento que pode qualificar-se como “muito notável”²⁶. A esse crescimento constante, que ainda se verifica, parece necessário juntar-lhe uma dose de reflexão sobre as características da formação que se oferece, para tentar estabelecer planos de melhoria. É o que defendem as principais universidades – tanto pelo volume de professores e alunos como pela produção científica – dos três países: o caminho para a excelência e para a introdução de mecanismos que assegurem maior qualidade.

Algumas reflexões para a melhoria da qualidade surgiram nos três países, coincidindo com a fase anterior à introdução do modelo de Bolonha em Espanha²⁷ e Portugal, e no Brasil motivadas pelas iniciativas da formação específica em Jornalismo e para a implementação de cursos de pós-graduação e doutoramento em Jornalismo. Foi um bom início de um debate que deverá ter continuidade, já que a resposta aos desafios, à margem da opção escolhida por cada país e por cada universidade, não é definitiva e deverá atualizar-se de acordo com as mudanças no setor e as novas necessidades, que surjam em cada momento por parte das respectivas sociedades. Na procura de contribuições, que deverão surgir de todas as áreas da sociedade, devem assumir um papel importante todos os que integram os atuais centros, as autoridades educativas, as informações de avaliação externa, os principais atores sociais e as redes acadêmicas e de investigação criadas nos últimos anos. As vias de colaboração abertas entre Brasil, Espanha e Portugal não só permitiram um melhor conhecimento mútuo, como também contribuíram à promoção de reflexões para analisar vias para uma melhor aproximação entre os respectivos planos de estudo, sem que os existentes em cada país percam personalidade e respondam às exigências e tradições existentes no plano político e social. É, então, hora de tirar maior rendimento dessas experiências para poder também melhorar os planos de formação de jornalistas nos dois lados do “charco”. Neste cenário, sem dúvida que a experiência da Galiza em matéria de formação de comunicadores pode desempenhar um papel importante pela sua participação no âmbito lusófonos e hispânicos, tanto no âmbito formativo como no das organizações profissionais de docentes e investigadores²⁸.

Os dados indicam que os planos atuais de formação de jornalistas no Brasil, na Espanha e em Portugal têm muitas coincidências dentro da diversidade de modelos e do mosaico de casos que representa o mapa

de universidades com estudos de Comunicação, em cada um dos três países analisados. Há matérias fundamentais que estão em todos os planos, há sistemas de relação entre a teoria e a prática que surgem na maioria dos planos de estudo, há projetos de fim de estudos nos programas dos três países e há preocupações compartilhadas pelos responsáveis dos centros dos três países, especialmente para encontrar uma maior qualidade de docência e organização de sistemas constantes de atualização dos programas.

A última atualização tem ficado marcada, em certa medida, pela digitalização, Internet e novas formas de comunicação. Não são, no entanto, as únicas mudanças e o objetivo prioritário deve continuar a ser a qualidade da docência e investigação. Este desafio é repartido por todos os universitários que procuram a excelência e que, a julgar pelos resultados de trabalhos de investigação publicados, nos últimos anos, em revistas científicas sobre a formação dos jornalistas, são imensos nos três países. A forte identidade do Jornalismo como área de conhecimento, reconhecida pelas linhas gerais dos planos de estudo do Brasil, da Espanha e de Portugal, assim como pela maioria das universidades latino-americanas e de muitos outros países europeus, é a principal razão que justifica esta rota comum de intercâmbios e de iniciativas coordenadas para melhorar os planos de formação e melhorar a qualidade do ensino do Jornalismo.

A segunda grande via de colaboração encontra-se em torno do desenho e seguimento dos programas de doutoramento, que na Espanha e em Portugal estão a ser delineados de acordo com o modelo europeu de ensino superior. Estes programas tratam de dar continuidade às linhas específicas de Jornalismo, Publicidade e Comunicação Audiovisual que se integraram nos últimos anos nas universidades dos dois países. Há, em ambos, programas específicos de Jornalismo que permitem alimentar linhas de investigação no campo jornalístico, no qual o Brasil também pretende criar novos projetos, com a criação do primeiro doutoramento específico em Jornalismo²⁹.

A julgar pelo panorama descrito nesta análise comparada da evolução dos estudos de Comunicação dos três países, com enfoque no Jornalismo, os dados mostram coincidências e diferenças que, pelo menos, levam a um maior intercâmbio de informação e a um seguimento das experiências em marcha para colaborar no principal objetivo compartilhado por investigadores e professores dos três países: melhorar a formação dos jornalistas de acordo com as necessidades da sociedade do século XXI, num contexto digital, com processos especialmente complexos nos

distintos cenários do mundo e com o desafio de construir um jornalismo mais dialogador e a serviço dos cidadãos.

A este desafio responde perfeitamente o veterano e prestigiado investigador em jornalismo, o brasileiro Marques de Melo³⁰, quando diz: “Trata-se de corresponder às expectativas da sociedade brasileira, ao ingressar na era digital, exigindo profissionais competentes para as indústrias mediáticas. É esta a batalha que nos compete travar, como educadores, neste início de um novo século”³¹. O que Marques de Melo propõe para o Brasil podemos transportar para Portugal, Espanha e o restante conjunto da União Europeia. É, portanto, um objetivo partilhado que tem como consequência a articulação de iniciativas conjuntas que resultam em benefício das sociedades europeias e americanas. E o Brasil, Espanha e Portugal dispõem de experiências e debates que devem coordenar para tornar realidade este desafio partilhado.

NOTAS

Nota do editor: O texto original foi traduzido por Jorge Pedro Sousa, professor da Universidade Fernando Pessoa.

- 1 Revela-se de grande interesse a obra de Romy Frölich e Cristina Holtz-Bacha intitulada *Jornalism Education in Europa and North America. An internacional comparison*, que oferece uma visão global do estado do ensino do Jornalismo.
- 2 A maioria dos autores dão especial atenção às duas primeiras e fazem-no corretamente, pois são as que estão mais definidas e contam com maior tradição de prática académica. O professor Javier Diaz Noci recorda as bases dessas duas principais escolas num recente artigo publicado no número 104 (ano X, Vol. 4, de junho de 2008) de Sala de Prensa (www.saladeprensa.org), com o título “Hipertexto e redacção jornalística: um novo campo de investigação?”. Acesso em 22 de Junho 2008.
- 3 Algumas destas mudanças, das novas competências e habilidades precisas para abordá-las, são abordadas por Gabriel Galdón no livro com o título *La enseñanza del periodismo. Una propuesta de futuro*.
- 4 O documento conhecido como declaração de Bolonha é um texto conjunto dos ministros europeus de Ensino sobre o Espaço Europeu de

Ensino Superior, de 19 de Junho de 1999, que desenvolveu os princípios da declaração anterior de “La Sorbona”, de 25 de Maio de 1998, que sublinhava o papel central das universidades na dimensão europeia. A declaração de Bolonha fixa os objetivos que os ministros consideram mais relevantes para o estabelecimento do espaço europeu de ensino superior e para a promoção mundial do sistema europeu de ensino superior. Estabelece um marco comum e assenta as bases que potenciam a mobilidade de professores e alunos. O documento pode ser consultado no seguinte endereço: <http://universidades.universia.es/fuentes-info/documentos/bolonia.htm>. Acesso em 21 de Junho de 2008.

- 5 Os dados sobre as primeiras escolas de Jornalismo na América Latina estão abrangidos no interessante trabalho realizado pela Red ICOD intitulado “Comunicacion Digital. Competências profesionales y desafios académicos”. Na sua versão em inglês, com o título “Digital Communication. Professional skills and academia challenges”. Pode ser consultado no seguinte endereço: <http://www.icod.ubi.pt/home.html>. Os dados do Brasil sobre a criação dos primeiros cursos de Jornalismo no Brasil em 1947 podem ser consultados no artigo de Eduardo Metisch sobre “A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo: dos anos 1980 ao início do novo século”, publicado no livro colectivo “Ensino de Comunicação” editado pela Intercom e ECA-USP em 2007.
- 6 Os dados figuram na própria página web da FELAFACS (www.felafacs.org). Acesso em 6 de Junho de 2008.
- 7 Héctor Vera publicou um artigo no número 51 da revista Diá-logos de la Comunicación (“Calidad de la información y modelo educativo”. 1998, páginas 79-22) no qual figuravam estes critérios, logo aplicados por outros autores, como Juan Gargurevich, do Peru, num artigo publicado no número 30 de Sala de Prensa (“Que periodismo y como enseñarlo”. 2001, Abril). O artigo de Gargurevich pode consultar-se na rede no seguinte endereço: www.saladeprensa.org/art214.htm. Acesso em 6 de Junho de 2008.
- 8 Alguns dos artigos foram publicados nos últimos anos em revistas como Zer, Estudios del Mensaje Periodístico, Ámbitos, Revista Latina de Comunicación Social, Chasqui, Diá-logos de la Comunicación e Comunicação e Sociedade, entre outras, assim como em comunicações em congressos ou encontros científicos, logo publicadas em capítulos de livros por autores como Ramón Salaverría, Elias Machado, Jorge Pedro Sousa, Marques de Melo, Marcos Palacios, Manuel Pinto, Emilio Prado e Marcial Murciano, entre outros. Também é muito interessante para este assunto a obra de Santiago Tejedor intitulada “La enseñanza

del ciberperiodismo. De la alfabetización Digital a la alfabetización ciberperiodística”, que estuda o ensino do ciberjornalismo nos planos de estudo das Faculdades de Jornalismo de Espanha e onde realiza uma análise da situação actual da matéria assim como dos pontos fortes que se devem fortalecer no exercício da mesma.

- 9 Ramón Salaverría interveio no I Congreso Nacional de Jornalismo Digital, nos dias 14 e 15 de Janeiro em Huesca, com uma proposta chamada “Criterios para la formacion de periodistas en la era digital”. Pode acceder-se ao texto na internet no seguinte endereço: www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/crite.htm. A consulta para este trabalho foi realizada no dia 8 de Junho.
- 10 Javier Diaz Noci, depois de publicar vários livros sobre jornalismo na rede com Koldo Meso, nos quais ambos os autores analisam a evolução do ciberjornalismo em todos as áreas , participou em vários congressos para defender a formação de jornalistas digitais. Como exemplo, recordar que no ano de 2002, nas II Jornadas de Jornalismo Digital, na Universidade Cardenal Herrera de Valência, interveio para explicar a presença dos estudos de jornalismo na Universidade e os desafios que se devem enfrentar neste campo. Informação sobre esta intervenção e sobre as jornadas na página: www.universia.es.html. A consulta para este trabalho foi feita no dia 20 de Junho. O texto da intervenção de Javier Diaz Noci está na sua página pessoal, na secção de conferências, no seguinte endereço: www.ehu.es/diaz-noci/cont/0.htm.
- 11 Os dois autores prepararam um texto sobre a experiência da FACOM-UFBA (1995-2005) no ensino do jornalismo digital, que apresentaram e defenderam no V Congresso Ibero-americano de Jornalismo na Internet, realizado nos dias 24 e 25 de novembro de 2004, em Salvador, Bahia. O texto completo pode ser consultado no seguinte endereço: http://www.periodistaseninternet.org/docto_congresos-antteriores/VcongresoBrasil/AIAP1%202004%20Elias%20Machado_Marcos%20Palacios.pdf. Acesso em 7 de Junho de 2008.
- 12 Marcial Murciano, ex-decano da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Barcelona e primeiro presidente da Conferência de Decanos de Comunicação das faculdades de Ciências da Comunicação espanholas, expondo o comunicado elaborado pela citada Conferência de Decanos para a ANECA sobre os títulos de graduação em comunicação - O documento pode ser consultado no seguinte endereço: <http://ccc-web.uab.es/pr.aneca.comunicacion/documentos.htm> e interveio em vários fóruns para expôr critérios básicos para a formação dos jornalistas em Espanha- um dos fóruns foi o XII Encontro Latino-

Americano de Faculdades de Comunicação Social, realizado em Bogotá entre os dias 25 e 28 de Setembro de 2006. Acesso em 19 de Junho de 2008.

- 13 José Marques de Melo publicou um artigo sobre os desafios da formação de jornalistas no ano 2007, que se intitulava “Reinventar o ensino de Jornalismo: desafio inadiável no aloverer do século XXI” e que apareceu na revista *Líbero* de São Paulo, décimo volume, número 19, de Junho de 2007 (páginas 9-15).
- 14 As Jornadas Internacionais de Jornalismo que este professor organiza com carácter anual na Universidade Fernando Pessoa, analisam sempre aspectos dos desafios do jornalismo atual e questões relativas à formação dos futuros profissionais da informação. Aliás, Jorge Pedro Sousa, em 2004, no II Encontro Luso Galegos de Comunicação e Cultura, sobre os desafios da comunicação na ctualidade, manifestou a necessidade de mudar os planos de formação dos jornalistas.
- 15 Esta afirmação está presente na investigação realizaa pela Red ICOD, intitulada “Comunicacion Digital. Competencias profisionales e desafios académicos” (Digital Communication. Professional skills and academia challenges). Pode ser consultado no site: www.icod.ubi.pt/home.html. Acesso em 19 de Junho.
- 16 Refiro-me a uma maior ou menor presença de disciplinas práticas -todas incorporaram as práticas - a uma maior ou menor vinculação com as Humanidades ou com as Ciências Sociais -, maior ou menor presença de línguas estrangeiras - o inglês entra em quase todas - e a denominação de matérias - foi aqui que surgiu maior variedade.
- 17 Os dados analisados previamente à redação deste trabalho foram os referidos à evolução dos planos de estudo no Brasil, Espanha e Portugal desde 1995 até ao mês de Junho de 2008. Para o caso espanhol, seguiu-se o plano preparado pela Conferência de Decanos de Comunicação para a ANECA, enquanto que para Portugal e Brasil fez-se uma revisão de artigos académicos e da informação oficial facilitada pelas autoridades portuguesas e brasileiras em matéria de Equação.
- 18 Os dados surgem do seguimento realizado pelo professor Eduardo Metisch, da Universidade Federal de Santa Catarina, e que foram facilitados numa entrevista concedida à Federação Nacional de Jornalistas(FENAJ) e difundida na sua página web. A entrevista pode consultar-se no seguinte endereço: <http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1739>. O próprio Eduardo Metisch , com dados do ministério da educação, recorda que

o número de cursos de Comunicação no Brasil aumentou de 126 a 839 em dez anos, no período entre 1995 e 2005. A referência concreta pode ser encontrada no artigo de Eduardo Metisch sobre “A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo; dos anos 1980 ao início do novo século”, publicado no livro coletivo “Ensino de Comunicação”, editado pela Intercom e ECA-USP em 2007. Acesso em 19 de Junho de 2008.

- 19 Os dados surgem do trabalho realizado por Eduardo Meditsch sobre “A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo: dos anos 80 ao início do novo século”, publicado na monografia editada pela INTERCOM sobre Ensino de Comunicação.
- 20 Varios estudos realizados confirmam essa tendência. Em concreto, citarei o de Manuel Luis Petrik e Jacques A. Wainberg, que publicaram um trabalho sobre “O estado da arte da pesquisa em Jornalismo no Brasil: 1983-1997” onde advertiam sobre a crescente importância desta matéria e dos estudos de pós-graduação em Comunicação. O trabalho, publicado no número 11, de Dezembro de 1999, da Revista Famecos, de Porto Alegre, pode ser consultado em: www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/11/jacques.pdf.
- 21 Uma das defesas mais claras que ouvi durante o mês de Junho, feita na Universidade Federal de Bahia, foi do recém eleito presidente do Forum Nacional de Professores de Jornalismo, Edson Luiz Spenthof, jornalista e ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Goiás. Os seus argumentos foram expostos nas entrevistas da FENAJ e podem ser consultados no endereço: www.fenaj.org.br. Acesso em 19 de junho de 2008.
- 22 Nota do editor: No Brasil, a carga horária mínima exigida pela MEC é de quatro anos. A maioria dos cursos tem a duração de 4 anos.
- 23 Tanto as autoridades do Ministério da Educação do Brasil, através da CAPES- <http://portal.mec.gov.br/>- como os projectos dos responsáveis do Ministério da Ciência e da Inovação- www.micinn.es- , ou dos planos da agência nacional de Avaliação da Qualidade e Acreditação, em Espanha- www.aneca.es/quees/queesplan07.asp - ou das autoridades portuguesas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior- www.portugal.gov.pt/portal/PT/Governos_Constitucionais/GC17/Ministerios/MCTES/ - ou o organismo diretamente implicado, a Direcção Geral de Ensino Superior, que tem o seguinte endereço: www.dges.mctes.pt/DGES/pt/OfertaFormativa/CursosConferentesDeGrau/ - trabalham com a perspectiva de realizar as revisões necessárias, sem excessivas mudanças, evitando que os planos se convertam em programas estaticos e pouco adaptados à realidade do mundo atual do mundo da

Comunicação e Jornalismo. Acesso em 9 de Junho de 2008.

- 24 O Encontro Anual do Fórum de Professores, realizado no ano de 2006 em Campos dos Goytacazes, pediu a imediata suspensão do sistema e a criação de uma mesa de negociação as três entidades da área do Jornalismo- FENAJ(sindical), FNPJ(professores) e *SBPJor*(investigadores)-também fizeram saber ao Governo que estavam contra este projeto. No entanto, as universidades já dispõem, em 2008, de carta branca para a sua implantação e uma-o reitor da Universidade Federal da Baía- mostrou a sua intenção de experimentar este sistema, sem eliminar o vigente em todas as faculdades de comunicação públicas, que contam com laboratórios e forte presença dos conteúdos de comunicação na oferta acadêmica.
- 25 Esta surpresa é explicada pelo professor Eduardo Meditsch no seu artigo sobre “ A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo: dos anos 80 ao início do novo século”, publicado na monografia editada pela INTERCOM sobre Ensino de Comunicação. Meditsch refere, na página 135 do seu trabalho, que em 2003, com a mudança de governo no Brasil, o Partido dos Trabalhadores assume o ministério da Educação e “contrariando todas as expectativas geradas pela primeira eleição de Lula”, a postura de liberalização não só se manteve com foi ampliada.
- 26 Na investigação prévia a este artigo foram recolhidas informações das autoridades em matéria de ensino superior dos três países, no comunicado para a ANECA elaborado pela conferência de decanos das faculdades de ciências da Comunicação de Espanha ou os dados recolhidos pelo professor Eduardo Meditsch, no Brasil. As informações sobre a evolução da educação superior nos três países resultam do incremento do número do faculdades que integram estes estudos de comunicação, com a especialização em jornalismo, e o aumento do número de alunos.
- 27 Em Espanha há que assinalar a importância do ano 2002, ano da criação da Agencia Nacional de Evaluacion de la Calidad e Acreditacion(ANECA). A ANECA, fundação estatal criada a 19 de Julho de 2002, tem como missão: contribuir para melhorar o sistema de educação superior, mediante avaliação, certificação e acreditação do ensino, professores e instituições.
- 28 Em Portugal, convém destacar o programa de avaliação internacional do ensino superior, apresentado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino superior apresentado em Dezembro de 2005. A rede europeia para a garantia da qualidade do ensino superior(ENQA) ficou encarregue

de realizar esta iniciativa no ano de 2006 e foi um importante passo em frente no contolo da qualidade do ensino superior. Informação sobre este projecto em: www.portugal.gov.pt/portal/pt/governosconstitucionais/GC17/ministérios/MCTES/Comunicacao/Intervencoes/20051121_MCTES_INT_SECTES_AVALIACAO_EnsSup.htm . A consulta para este trabalho foi feita no dia 22 de Junho.

- 29 O professor Marques de Melo entende que a luta pela melhoria da qualidade do ensino no Brasil começou com EMDECOM- Movimento de defesa dos cursos de comunicação-no ano de 1981, para evitar a destabilização dos cursos existentes no país. A partir desse momento, houve diversas iniciativas, como explica Claudia Peixoto de Moura no seu artigo sobre “Padrões de qualidade para o ensino de comunicação no Brasil”, publicado no livro colectivo sobre Ensino de Comunicação em 2007 pela Intercom e ECA-USP. Claudia Peixoto também indica que a avaliação externa do curso de comunicação social, com habilitação em jornalismo, foi realizada pela primeira vez em 1998 e que no ano de 2004 foi criado o sistema nacional de avaliação da educação superior(Sinaes) para avaliar instituições e cursos de graduação.
- 30 Na Galícia existe uma Associação Galega de Investigadores de Comunicação (AGACOM)- www.agacom.es –que, presidida por Margarita Ledo Andion, faz parte da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação(LUSOCOM)- www.intercom.org.br/lusocom - presidindo-a em 2008. A propria Ledo Andion, catedrática de comunicação audiovisual, faz parte da Associação Espanhola de Investigação da Comunicação(AE-IC)- www.ae-ic.org- da qual é vice presidente. Tanto a professora Margarita Ledo como outros investigadores galegos mantêm uma presença activa em redes com Brasil e Portugal, assim como com a América Latina, países europeus e América do Norte.
- 31 A proposta foi formulada pelo professor Elias Machado numa comunicação que apresentou na reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- Intercom- que teve lugar em Santos, em 2007, com o título: “ As possibilidades para uma formação pós-graduada em jornalismo e a situação da pós-graduação em comunicação. Elias Machado explica no seu texto que, com mais de 171 mil matriculados nos 337 cursos de graduação- na área da Comunicação o total de matriculados nesse momento chegava a 197.068- a sub-área do jornalismo está entre as que têm mais licenciados no país, com mais de 28 000 profissionais a terminarem a cada ano. Portanto, entende que é necessário esse novo doutoramento, que tratará de integrar na Universidade Federal de Santa Catarina.

- 32 O professor Jose Marques de Melo é a principal referência no ensino e investigação da Comunicação no Brasil, com reconhecimento nas distintas áreas das Ciências da Comunicação. Marques de Melo dirigiu a Escola de comunicações e artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e presidiu à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom).
- 33 O texto de Marques de Melo, traduzido para esta referência, figura no último parágrafo do seu texto “a batalha da qualidade no ensino da Comunicação: novos (antigos) desafios”, que é a contribuição do titular da Cátedra UNESCO-Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional para o volume colectivo sobre ensino de Comunicação, de 2007, publicado pela INTERCOM e pela ECA-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Direcção Geral do Ensino Superior de Portugal. <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt>, especially in <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/OfertaFormativa/CursosConferentesDeGrau/>

Frölich, Romy; Holtz-Bacha, Christina. *Journalism education in Europe and North America. An international comparison*. New Jersey: Hampton Press, 2003.

Galdón, Gabriel. *La enseñanza del periodismo. Una propuesta de futuro*. Barcelona: Editorial CIMS, 1997.

Gonçalves, Elías Machado. *As possibilidades de formação em jornalismo e a pós-graduação em comunicação*. Trabalho apresentado no I SOCICOM - Encontro das Sociedades Científicas de Comunicação, 2007. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, 2007.

Krohling Kunsch, Margarida M. *Ensino de Comunicação. Qualidade na Formação Acadêmico-Profissional*. ECA-USP: Intercom, 2007.

Marques de Melo, Jose. *A batalha da qualidade no ensino de comunicação: novos (antigos) desafios*, em Krohling Kunsch, Margarida M., *Ensino de Comunicação. Qualidade na Formação Acadêmico-Profissional*. ECA-

USP: Intercom, 2007.

Meditsch, Eduardo. *A qualidade do ensino na perspectiva do jornalismo: dos anos 1980 ao início do novo século*, en Krohling Kunsch, Margarida M., *Ensino de Comunicação. Qualidade na Formação Acadêmico-Profissional*. ECA-USP: Intercom, 2007.

Peixoto de Moura, Claudia. *Padrões de qualidade para o ensino de comunicação no Brasil*, en Krohling Kunsch, Margarida M., *Ensino de Comunicação. Qualidade na Formação Acadêmico-Profissional*. ECA-USP: Intercom, 2007.

Red ICOD. *Comunicación digital. Competencias profesionales y desafíos académicos*. Red ICOD/Alfa Programme/Generalitat de Catalunya, Vic, 2006. <http://www.icod.ubi.pt/home.html> (text consulted on June 5th, 2008). It is published in the book with the ISBN: 10:84-934995-0-1, and in cdrom, with ISBN:13:978-84-934995-0-1.

Sloan, David (ed.). *Makers of the media Mind. Journalism Educators and their Ideas*. New Jersey: LEA, 1990.

Tejedor Calvo, Santiago. *La enseñanza del ciberperiodismo. De la alfabetización digital a la alfabetización ciberperiodística*. Sevilla: Comunicación Social, 2007.

Títulos de grado de comunicación. Documento de la Conferencia de Decanos de Comunicación (de la Facultades de Ciencias de la Comunicación de España) para la ANECA sobre los títulos de grado en comunicación –the document can be consulted in the following web page: <http://ccc-web.uab.es/pr.aneca.comunicacion/documentos.htm>.

Xosé Lopez García é catedrático na Universidade de Santiago de Compostela, onde leciona materias sobre información escrita e xornalismo electrónico na Facultade de Ciencias da Comunicación. É director do grupo de investigación en comunicación Novos Meios.
E-mail: jose.lopez.garcia@usc.es